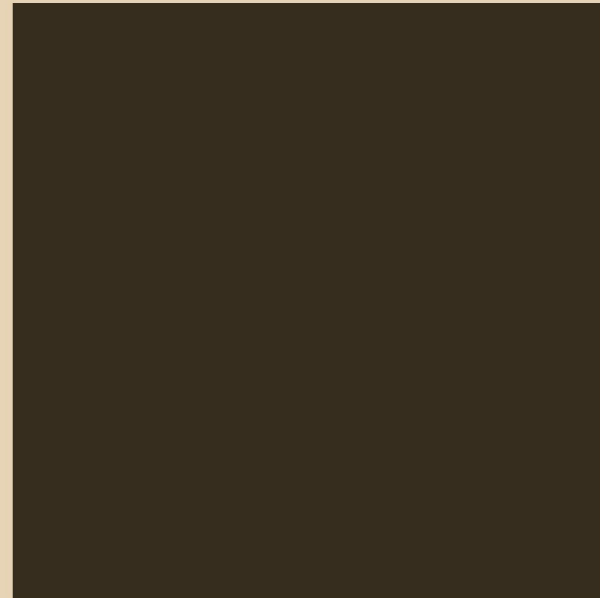


OCUPANDO O VAZIO

Intervenção em área central de São Carlos/SP



TRABALHO DE GRADUAÇÃO INTEGRADO II

Giovana de Carvalho Marchesin Rodrigues

OCUPANDO O VAZIO

Intervenção em área central de São Carlos/SP

TRABALHO DE GRADUAÇÃO INTEGRADO II
Giovana de Carvalho Marchesin Rodrigues

Instituto de Arquitetura e Urbanismo - IAU USP São Carlos

COMISSÃO DE ACOMPANHAMENTO PERMANENTE (CAP)
Prof. Dr^o Joubert José Lancha

COORDENADOR DE GRUPO TEMÁTICO (GT)
Prof. Dr^a Simone Helena Tanoue Vizioli

São Carlos
2019

AUTORIZO A REPRODUCAO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO,
POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRONICO, PARA FINS
DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

RR696o Rodrigues, Giovana de Carvalho Marchesin
 Ocupando o vazio: Intervenção em área central de
 São Carlos/SP / Giovana de Carvalho Marchesin
 Rodrigues. -- São Carlos, 2019.
 p.

 Trabalho de Graduação Integrado (Graduação em
 Arquitetura e Urbanismo) -- Instituto de Arquitetura
 e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2019.

 1. Habitação de Interesse Social. 2. Habitar o
 centro. 3. Vazio urbano. I. Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:
Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229

FOLHA DE APROVAÇÃO

OCUPANDO O VAZIO

Intervenção em área central de São Carlos/SP

TRABALHO DE GRADUAÇÃO INTEGRADO II

Giovana de Carvalho Marchesin Rodrigues

BANCA EXAMINADORA

Prof. Drº Joubert José Lancha

Instituto de Arquitetura e Urbanismo - IAU USP São Carlos

Prof. Drª Simone Helena Tanoue Vizioli

Instituto de Arquitetura e Urbanismo - IAU USP São Carlos

Prof. Me. Eduardo Araújo Silva

Centro Universitário Central Paulista - UNICEP São Carlos

Aprovada em:

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que caminharam junto a mim nessa jornada acadêmica.

Em especial aos meus pais, Sandra e Fernando, por serem meus guias e alicerce.

Aos meus irmão, Rafael e Juliana, por serem meus grandes companheiros.

À Beatriz e Letícia, pelo amor e alegria.

Ao Lamarques pela força e paciência.

Aos meus amigos de turma, pela companhia e ensinamento.

Aos meu orientadores, Lúcia, Ruy, Simone, Joubert e Manoel, pelo conhecimento compartilhado.

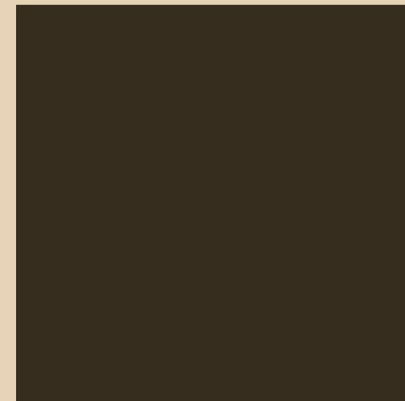
À Andrea, Valéria e Marcelo, pela atenção e prontidão em ajudar.

E a todos que tornaram possível este trabalho.

Muito obrigada!

ÍNDICE

INQUIETAÇÕES	01
Simplicidade desejável. Arquitetura de todos	
Questão de Projeto	
LUGAR	09
São Carlos	
São Carlos e sua Transformação Urbana	
Leituras da cidade	
Quadra de intervenção	
PROPOSTA	40
Diretrizes Projetuais	
Referências Projetuais	
PROJETO	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71



INQUIETAÇÕES

“Uma casa geminada numa rua arborizada. Hoje cedo, a casa ressoava com gritos de crianças e vozes de adultos, mas desde que o último ocupante partiu (com sua mochila) há poucas horas, ela ficou sozinha para curtir a manhã [...] A casa dá sinais de gostar do vazio [...] Esta criatura digna e amadurecida, com suas veias de cobre e pés de madeira aninhados numa argila, suportou muita coisa: bolas lançadas contra as laterais de seu jardim, portas batidas com raiva, tentativas de plantar bananeira ao longo de seus corredores, [...] A casa se transformou numa testemunha bem informada. [...] Ela proporcionou não só o refúgio físico, mas também o psicológico. Tem sido guardiã da identidade. [...] Embora esta casa não tenha soluções para uma grande parte dos males que afligem seus ocupantes, seus aposentos são evidência de uma felicidade à qual a arquitetura deu a sua contribuição.”

A Arquitetura da Felicidade, Alain de Botton

O trecho acima retirado do livro *Arquitetura da Felicidade*, de Allain de Botton, retrata encantadoramente como uma casa pode ser um lugar de refúgio do corpo e da mente, um lugar de felicidade, e como a arquitetura contribui para tal feito, ela é a grande responsável por esse amparo. E com essa visão otimista frente à “responsabilidade” do fazer arquitetura, de amparo, refúgio e outras, que busco, aprimorar minhas competências e repertório, e assim, prover-me de munições para o enfrentamento do fazer arquitetônico. Para tanto, escrevendo algumas linhas e palavras pretendo, antes de mais nada, entender meus questionamentos e aflições, o que quero e que desejo.



Minha intenção não é tão honrada ou ousada. É singela. Quero lembrar que a vida é simples, não é rebuscada ou cheia de “não me toques”. A vida pode ser serena. Quero que a simplicidade das coisas do dia a dia se revele bela, fascinante e extremamente desejável.

Sair do ritmo frenético que ultimamente tem nos guiado e mostrar que com calma e paciência, tudo pode acontecer melhor (esse é o meu tempo – calmo e lento), chegamos onde queremos.

Precisamos de contato – de sociabilização, devemos deixar nossos fones de ouvido e ouvir o outro (se abrir para a conversa). Espero que olhemos nos olhos quando contarmos as maiores verdades – e não para uma tela de computador. Devemos sair do sofá, sair do celular, sair do tablete ou computador, sair dos condomínios. E amar, a família, os amigos, os professores, colegas de sala ou de trabalho, amar aquele desconhecido na rua, aquele deitado no chão, aquele que a chuva, o calor, o frio e muitas vezes a fome são seus maiores companheiros.

Viajei para São Paulo, Belo Horizonte, Ouro Preto, Mariana, Rio de Janeiro e Brasília [...] vi muito do dito “arquitetura ou fazer arquitetônico correto”, mas uma arquitetura de quem e para quem, que responde a que interesses, foram as algumas das perguntas que me fiz.

Os corpos deitados no chão de São Paulo, o morro que ilumina no Rio, a família de moradores de rua e os monumentos isolados e extravagantes de Brasília, a história enquadrada de Ouro Preto, a dança de rua de BH, me mostraram que arquitetura eu quero atender, ou o que eu entendo por arquitetura. Pois, acredito que cabe a mim (como futura arquiteta e urbanista), assim como para meus companheiros de profissão, ao menos definir o que é para si arquitetura e urbanismo.

Entendi que arquitetura é multifacetada [...] é tão ampla, geral e específica (ao mesmo tempo), interdisciplinar e egoísta. Arquitetura é desenho, é projeto, é material, é tecnologia, é química, é biologia, é história, é geografia, é arte, é teatro, é música, é dança. Arquitetura não é só edificação, casa, é cidade também. Arquitetura é homem, é mulher, é criança, é jovem, é adulto, é velho, é natureza, é paisagem [...] Arquitetura e Urbanismo é para mim, é para você, é para todos.

E agora, acho que cheguei no meu “conceito arquitetura” – (que é óbvio pode mudar, mas que certamente em algum momento da minha vida eu devo lidar). Não é decoração, não é fachada, não é material, não é história, não é ecologia. É social, é pessoa, é popular, é vida, é cotidiano.

QUESTÃO DE PROJETO

O presente Trabalho de Graduação Integrado busca inserir-se em meio a discussão da produção habitacional de interesse social desenvolvida no país e os seus rebatimentos no urbano e nas relações sociais. A escolha do tema se deu a princípio pelo reconhecimento da problemática habitacional presente na realidade brasileira, uma vez que grande parte dos domicílios urbanos brasileiros está em más condições (favelas, cortiços, loteamentos irregulares e conjuntos habitacionais em locais precários), são 12 milhões de habitantes que moram em áreas de infraestrutura insuficiente e condições precárias (Censo IBGE 2010), e ainda, segundo relatório¹ elaborado pela Fundação Getúlio Vargas, o déficit habitacional brasileiro apresentou recorde, no ano de 2017, com aproximadamente 7,77 milhões de unidades habitacionais. Assim, se faz necessário entender, para além dos números, como estão sendo estabelecidas e consolidadas as políticas públicas de habitação. Para enfim, com a contribuição da Arquitetura e Urbanismo, buscar enfrentar o problema, trazendo alternativas de atuação, no âmbito da promoção de habitação social, a fim de atender a uma parcela da população carente por moradia e que tem como opções ocupações ilegais ou habitações em regiões periféricas.

¹ Relatório elaborado pela Associação Brasileira de Incorporadoras Imobiliárias (ABRAINC) e Fundação Getúlio Vargas Projetos, com título: **“Análise das necessidades habitacionais e Tendências para os próximos dez anos”**, organização: Robson Ribeiro GOLÇALVES, 2018.

TODOS TÊM DIREITO A MORADIA BEM LOCALIZADA

“Nas cidades brasileiras, sustentabilidade urbana passa urgentemente pelo pilar social: alavancar a diversidade socioterritorial em nossas cidades é desafio complexo e premente para promover cidades mais equilibradas nas formas como os diversos extratos populacionais ocupam o território comum e, portanto, todos. Uma cidade mais justa e inclusiva no uso do território urbano é o desafio dos governos e também pauta de toda sociedade.” (LEITE, 2012)

A condição das cidades brasileiras de possuir parte significativa de sua população vivendo em assentamentos precários, ainda hoje é permanente e fruto de políticas de planejamento e gestão urbana excludentes e espoliativas, desenhada pelo clientelismo e pelos capitais, que não consideram as diferentes demandas sociais e econômicas da população brasileira e são baseadas em padrões de regulação urbanística voltados para setores restritos das cidades.

Este modelo de planejamento, que se efetiva por meio de agentes privados, tem implicações profundas na forma e no funcionamento de nossas cidades. Com o crescimento e organização do território, baseado na expansão constante rumo as bordas da malha urbana (padrão periférico), tem como consequência a subutilização tanto das infraestruturas quanto da urbanidade já instaladas e a mobilidade centrada exclusivamente na lógica do automóvel particular, fato que acentua as disparidades existentes no meio urbano, como a segregação social das camadas populares, a autoconstrução das moradias e a precariedade das condições de consumo coletivo. Condenando, por consequência, a cidade a um desenvolvimento insustentável do ponto de vista social, ambiental e econômico. Desenvolvimento este caracterizado por um *urbanismo de risco* como aponta ROLNIK (2008), com a “insegurança, quer do terreno, quer da construção ou ainda da condição jurídica de posse daquele território [...] condena a cidade inteira por concentrar qualidades num espaço exíguo e impedir que elas sejam partilhadas por todos.”

As novas produções habitacionais, respondendo positivamente a este planejamento e gestão do solo urbano, principalmente quando orientadas pela lógica do mercado (como foi o caso do Programa Minha Casa Minha Vida) e sob a justificativa de diminuir custos para permitir o acesso à casa própria, se inserem geralmente em terrenos distantes das centralidades, de difícil acessibilidade, desprovidos de infraestrutura, equipamentos públicos, serviços e oferta de emprego. Fato que compromete os padrões de inserção dos empreendimentos, que ficam alheios à dinâmica urbana, além de contribuir para o agravamento do processo de periferação, tornando mais difíceis as condições de vida da população periférica e acentuando as desigualdades e a segregação socioespacial.

Vale ressaltar, ainda, que a lógica de expansão horizontal urbana revela outras consequências negativas, tais como o processo de esvaziamento dos centros urbanos (desvalorizados como opção de moradia, os centros se tornam monofuncionais), ao mesmo tempo em que revelam como componentes desse processo os vazios urbanos em áreas consolidadas e a consolidar.

“Muitas glebas e terrenos urbanos se formam como resultado de processos desarticulados de aprovação de loteamentos ou práticas conscientes de especulação imobiliária e permanecem como resquícios internos à cidade, dificultando a locomoção urbana e subutilizando a infraestrutura investida ao longo destas áreas.” (ROLNIK, 2010)

“Essa situação de exclusão é muito mais do que a expressão da desigualdade de renda e das desigualdades sociais: ela é agente de reprodução dessa desigualdade. Em uma cidade dividida entre a porção legal, rica e com infraestrutura e a ilegal, pobre e precária, a população que está em situação desfavorável acaba tendo pouco acesso a oportunidades de trabalho, cultura ou lazer. Simetricamente, as oportunidades de crescimento circulam nos meios daqueles que vivem melhor, pois a sobreposição das diversas dimensões da exclusão incidindo sobre a mesma população fazem com que a permeabilidade entre as duas partes seja muito pequena.” (ROLNIK, 2008)

A partir do que foi exposto acima, é necessário pensar na expansão e crescimento das cidades sem esgotamento de seus recursos, otimizando os usos e as infraestruturas urbanas. Pensar de maneira inteligente, inclusiva e produzir habitação de interesse social em zonas consolidadas e centrais na cidade. Para isto, é preciso aliar política urbana, habitacional e fundiária com programas voltados à regularização fundiária, e assim reaproveitar os vazios urbanos, reduzir a perda de vitalidade do tecido urbano, promover diversidade de usos e social, cidades compactas e densas.

Maricato (2000) defende uma orientação mais racional e adequada ao desenvolvimento urbano por meio da reabilitação dos centros seja a promoção do uso residencial seja pela reciclagem dos edifícios ou a construção de novos (onde não se justifique manutenção dos novos) uma das melhores estratégias.

Para tanto, tomando a habitação de interesse social como instrumento de construção da cidade e inclusão social. Almejo cidades mais democráticas, seja na possibilidade de participação no sistema capitalista pela inserção da população menos privilegiada no mercado de trabalho formal, seja na aplicação do direito à cidade e à moradia adequada, por meio da melhor localização da habitação de interesse social. Bem como no que significa a possibilidade de manutenção da diversidade do território urbano.

